Ele tinha 19 Ela tinha 21

Ele tinha 19 Ela tinha 21

Belo Horizonte, MG
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constituirá violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998) e é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

O Universo de André 10
O Universo de Paula 28
Casa Nova, Vida Nova 38
Primeiro Contato 48
Mudança de Atitude 57
Algo Diferente. 68
A Ação 76
A Entrevista 86
Em Busca de Ajuda 93
A Festa 103
A Decepção 112
A Revelação 124
A Volta Por Cima 133
Algo Errado 142
Início com Tatiana 153
O Fim 162
Reabrem as portas 171
Retomada 182
E o Tempo Passa 193
Fim Dolorido 203
De Volta ao Início 213
A Hora da Verdade 221
O Começo do Fim 230
O Adeus 241

Agradecimentos

Agradeço também à minha mãe por me dar a força necessária para seguir em frente e acreditar que as coisas acontecem mais cedo ou mais tarde. A minha avó pelo carinho e amor que sempre me dedicou, e também ao professor Michael de Souza, que realizou a revisão desse livro com todo o carinho e atenção, e que acreditou no meu trabalho e possibilitou que este sonho se realizasse.

Agradeço também àqueles que passaram pela minha vida e me prejudicaram ou tentaram fazê-lo, pois assim eu pude crescer como pessoa e como espírito e aos meus verdadeiros amigos que usufruem desse crescimento e me dão conselhos construtivos apoiando minhas decisões com o coração.

Prefácio

Toda essa história começou com uma frase que me veio à cabeça em um dia em que fui comprar pão na padaria. Situação muito peculiar, confesso. Estava na época com uma menina de 21 anos e eu tinha 19. De repente veio "Ele tinha 19. Ela tinha 21". Aquela frase me chamou a atenção e alguns meses depois resolvi compor uma música com ela. Coincidência ou não, a fiz olhando para um retrato do Renato Russo que eu tinha e aos poucos foi saindo a letra, e com a ajuda de um teclado meu, acabei compondo também a melodia, composta apenas de piano, baixo e bateria.

Alguns anos depois veio a ideia de transformar a música em livro. Como a história já estava pronta em minha cabeça, só precisei passá-la para o papel, o que levou alguns meses, já que a cada vez que relia resolvia modificar alguns detalhes. Alguns elementos foram adicionados para que houvesse uma coerência nas ideias. O que era apenas uma letra de música se transformou em um livro. Pequeno, mas com um conteúdo interessante.

A ideia não foi vangloriar ou menosprezar ninguém. Tentei transpor, de uma forma mais realista possível, as situações que costumam ocorrer no dia a dia. E também mostrar o que é o verdadeiro significado de algumas coisas que, hoje em dia, estão muito artificiais no cotidiano das pessoas como a amizade e o amor. E espero que tenha atingido meu objetivo.

Todos os personagens dessa história possuem nomes de algumas pessoas que fizeram diferença em minha vida. Graças a Deus há muito mais gente que é importante pra mim, mas no momento esses encaixaram melhor nos personagens. Tomei a liberdade de pegar apenas os nomes emprestados, pois as características e personalidades podem sofrer alguma diferença.

O Universo de André

Final das férias. Em algum lugar do longo litoral brasileiro, uma festa acontece em um apartamento que fica de frente para o mar. Muita música, bebida e drogas eram os ingredientes para a alegria de jovens que não tinham mais do que 22 anos, mas que queriam viver no limite da irresponsabilidade, não se importando com sua saúde e nem com o término do limite de sua liberdade. Seus corpos entupidos de entorpecentes, já inabilitados para o raciocínio, se distribuíam pelos cômodos. O anfitrião e responsável pelo imóvel era André Luiz, garoto de 1,82 de altura, corpo mais magro, porém definido, cabelos curtos e levemente anelados, portador de uma pele mais morena. O estudante de Publicidade e Propaganda era filho do proprietário do apartamento.

O que comemoravam? A vida. Uma despedida das férias. Mas nem André e nem seus pais moravam no local. Sua residência ficava na capital, a pouco mais de cento e vinte quilômetros, e partiria para lá já no outro dia, num domingo, pois suas aulas recomeçariam na segunda-feira.

Seu pai era gerente regional de uma empresa de bebidas e passava mais tempo viajando do que em casa. O mais velho de sete irmãos, começou a trabalhar desde cedo com o pai vendendo frutas em

uma feira para ajudar no sustento da casa. O término da escola foi com muito custo, por insistência dos seus pais, e conseguiu frequentar a faculdade com a ajuda de um tio fazendeiro. Cursando administração de empresas, conseguiu, primeiramente, estágio em um banco, que o efetivou logo após o vencimento de seu contrato de um ano, onde permaneceu por mais nove, quando recebeu uma proposta para supervisionar um grupo de vendedores em uma fábrica de bebidas que, na época de sua contratação, ocupava o 5º lugar do mercado. Nos 16 anos posteriores, viu a empresa subir para o 1º, tendo como consequência, suas várias promoções, até chegar ao seu cargo atual.

Sua mãe era professora universitária no mesmo local em que ele estudava, mas não no mesmo curso. Microbiologista, especialista em bactérias multirresistentes, comandava um grupo de pesquisas da área, já tendo recebido vários prêmios por iniciativas e projetos bem sucedidos. Além disso, fazia parte da banca examinadora dos diversos níveis de cursos de pós-graduação das áreas biológicas. Passou sua vida profissional toda no meio acadêmico, mesmo recebendo inúmeras propostas para trabalhar no setor privado. Recusou todas para se dedicar mais à família, porém seu tempo passou a ser mínimo nos dias de semana, conseguindo apenas se comunicar pessoalmente com os filhos aos sábados e domingos. As viagens também eram rotina em sua vida, o que diminuía ainda mais seu tempo em casa.

Por último, e não menos importante, está sua irmã de 15 anos. Prestes a fazer aniversário, aguardava a nova idade para poder iniciar seu trabalho de estágio como técnica em contabilidade, curso que já frequentava há um ano, e que iniciaria seu 2º no mesmo dia que o irmão voltaria para a faculdade. Cabelos anelados até a região da escápula, tinha 1,55, e olhos castanhos. Seu corpo bem magro denunciava a falta que seus pais faziam em seu quotidiano. De manhã ia para a escola, onde ficava até as 12h20min, voltava para sua casa, almoçava, e saia para algum curso. Nas segundas e quartas fazia inglês, nas terças e quintas piano, na sexta tinha consulta com uma psicóloga, que a atendia desde pequena, e aos sábados e domingos jogava handebol no clube em que eram sócios.

Alheio aos acontecimentos de sua família, o rapaz não parava em casa nem nos dias de semana. Não tinha interesse em trabalhar e nem em estudar, pois ao contrário da irmã, não era, nem de longe, considerado um aluno aplicado. Estava indo para o 2º semestre do curso, mas não necessariamente para o 2º período, pois das seis matérias cursadas na 1ª etapa, passou em apenas três, o que complicou a regularidade de andamento de seu currículo, por esse motivo, iria ter aulas em diversos períodos.

Uma de suas paixões eram os rachas. Frequentador assíduo, e organizador dos melhores da cidade, ganhava um bom dinheiro com as

apostas, que se convertiam, na sua totalidade, em festas, mulheres e drogas. Não tinha uma reserva de caixa e nem conta em banco, e o não questionamento dos seus atos pelos seus pais, facilitava o uso incorreto de sua liberdade.

Aos 12 anos começou a fumar cigarro por influência de alguns amigos do prédio em que mora. Aos 13 já havia passado para a maconha, e aos dezesseis já havia experimentado de tudo ficando, posteriormente, apenas com a cocaína e a maconha. Isso falando das ilegais, pois fumava e bebia muito. Aos dezessete parou com a cocaína depois de ver seu melhor amigo morrendo de overdose bem na sua frente, e como também estava sob o forte efeito da droga, não conseguiu ajudá-lo e nem socorre-lo a tempo, fato de não saia de sua cabeça, pois se conheciam desde os 9 anos e passaram por várias coisas juntos. Era, talvez, a pessoa que mais se aproximou e mais conheceu sobre a vida do André, pois ambos entendiam tudo um do outro, por esse motivo, sua morte foi tão complicada para o amigo.

O respeito pelas mulheres, assim como pelas pessoas a sua volta, nunca foi seu forte. Não levava nenhum relacionamento a sério e se aproveitava de sua influência para satisfazer seus desejos sexuais, descartando-as após o término de cada ato. Algumas que eram boas e esforçadas no que faziam, ele ainda as mantinha em sua lista de "estepes". Com um invejável poder de persuasão, conseguia atingir

todos os seus objetivos, convencendo os que o rodeavam a fazer as coisas a seu favor, tanto que na escola não participava dos trabalhos, não estudava para as provas, mas mesmo assim conseguiu se formar e chegar à faculdade. Mentia muito e chegava até a fazer falsas promessas para conseguir algo, e quando era beneficiado, ignorava a quem lhe ajudara, e sem remorso.

Mas voltemos ao que é bom: a festa. Como coloquei, havia várias pessoas no apartamento, e a maioria nem conhecia o rapaz. O evento se iniciou por volta das 10 da manhã e não tinha hora para acabar, já que ele queria "secar" toda a bebida antes de viajar. Como em festas assim, há bagunça em excesso, e os vizinhos já estavam bastante incomodados com o barulho e com o avanço do horário, fazendo com que o síndico recebesse inúmeras reclamações naquele dia. Ele já havia comparecido ao apartamento duas vezes, mas no início o som era abaixado e a desordem parecia diminuir, porém, depois de um tempo, as coisas voltavam à estaca zero. Na terceira vez, a polícia foi acionada, chegando ao local com certa rapidez. Como a denúncia não era apenas por causa do som, eles queriam verificar se havia alguma coisa no local além de apenas barulho. Na portaria, foram recebidos pelo recepcionista que tentou contato com o apartamento, mas sem sucesso. Teve, então, que abrir o portão e permitir que os policiais subissem até o imóvel.

Já no andar, o som que vinha detrás da porta era incômodo e já dava para perceber o tamanho do problema que teriam pela frente. Bateram campainha e aguardaram um tempo, até que foram recebidos por um dos participantes, já em estado bem avançado de “doidera”, com o corpo fragilizado e os olhos vermelhos e um pouco fechados. Olhando para os homens parados na sua frente, disse:

_E ai! Beleza!

_Boa noite, filho! Podemos entrar?

_Claro! Entra ai! Tem cerva na geladeira e acho que ainda tem uns baguiu lá dentro.

Era tudo o que os policiais precisavam para avançar e solicitar reforço. A visão de inicio era deprimente, e foi se confirmando a cada passo. Logo na entrada havia um corredor, e há uns dois metros à esquerda, uma porta saia para a cozinha, que se encontrava muito bagunçada e já com um mal cheiro ainda suportável. Resolveram continuar pelo corredor para chegarem à sala. Pessoas dopadas se espalhavam pelo chão, algumas já inconscientes e outras em estado bastante deplorável. Ainda na sala, enquanto casais se pegavam na frente de todos, outros acendiam ou cheiravam suas substâncias, já semi inconscientes. Aqueles que conseguiam entender o que estava acontecendo, começaram a se preocupar. Mas eram poucos.

_Quem é o responsável pela festa? – perguntou um dos policiais, que após um breve silêncio resolveu acrescentar - Se ninguém se apresentar eu vou ter que prender todo mundo.

_Acho que o cara é um que tá ali dentro. – disse um dos participantes com dificuldade, apontando para o quarto.

_O senhor acha? O senhor tá numa festa e nem sabe quem é o dono?

_Sei não senhor. Um amigo que me convidou.

_E onde está seu amigo?

_Sei não senhor.

_Ok, depois conversamos.

Enquanto um foi para a entrada impedindo que alguém fugisse, o outro bateu na porta do quarto e chamou o possível organizador da festa. Como não obteve resposta, a abriu, acendeu a luz e se deparou com o jovem de costas na cama com uma garota embaixo dele, com as pernas abertas, aparentando ter uns 16 anos, e ambos alterados em seus estados físicos e mentais. A visão só não era completa, pois uma colcha tampava os corpos nus de ambos da cintura para baixo.

_Qualé mano! Fecha essa porra que eu tô ocupado. – disse André com os olhos quase fechados.

_Precisamos conversar, meu rapaz!

_Depois, meu! Porra! Não tá vendo que eu tô acompanhado.

_Caso não tenha percebido, não sou convidado da sua festa.

_Aí, tem problema não. Se ajeita aí e não me enche que tá tudo na boa. Só sai daqui que eu tô com uma menina.

_Acho que não entendeu. Vou esclarecer pra você: eu sou o sargento Rodrigues e vim averiguar uma denúncia de perturbação da ordem e uso de drogas, mas vejo que há mais coisas aqui do que os denunciantes pensavam. Agora saia dessa cama, se vista e vamos para a sala, pois temos muita coisa pra conversar. A noite vai ser longa.

Com uma ação lenta, parou o que estava fazendo, saiu da cama e se vestiu. A luz ainda o incomodava, e antes de sair, olhou para a companheira que não conseguiu se mexer muito, e foi ao encontro daquele que o atrapalhou.

Assim que André saiu do quarto, apenas de bermuda, se deparou com sete policiais já revistando os participantes e a própria casa. Na mesa de jantar estavam alguns objetos do flagrante como cachimbos, espelhos e tocos de cigarros de maconha. Alguns convidados que não conseguiam se levantar, estavam recebendo os primeiros socorros dos policiais até a chegada das ambulâncias. Eles dividiram todos os participantes inconscientes nos quartos, e os que ofereciam alguma ação, colocaram na sala, sentados no chão, para responderem às perguntas. Assim que o sargento apresentou o rapaz ao capitão, o mesmo iniciou seu trabalho.

_Boa noite, filho! Eu sou o capitão D'Ávila e assumi o comando dessa denúncia pela gravidade da coisa. Você sabe quantas ocorrências temos aqui, meu jovem?

_Não. – disse de cabeça baixa.

_Quantos anos tem a mocinha que estava com o senhor no quarto?

_Não sei. Acho que 18 ou 19. Mas o que tem isso a ver? Mesmo se for menor, ela deu pra mim porque quis. Isso não é crime.

_Realmente o sexo com ela não, mas o fato do apartamento estar repleto de substâncias ilegais, e ela, aparentemente, estar sob o efeito de uma ou algumas, já pioram sua situação. O apartamento é seu ou alugado?

_É do meu pai.

_Então teremos que entrar em contato com ele e lhe repassar o que está acontecendo aqui.

_Mas eu sou maior, não tem que ligar pro meu pai.

_Se o apartamento é dele, somos obrigados a ligar.

Muitas evidências foram encontradas e muita gente foi detida, entre eles vários menores. Algumas pessoas foram internadas, e as que conseguiram seguir adiante sem ajuda médica, foram para a delegacia. Com certeza a pior situação foi a do André. Algemado em uma das salas, sozinho, e já sabendo do problema que teria pela frente,

imaginava a reação do seu pai ao ligarem e informarem de mais uma detenção. Tentaram ligar no celular várias vezes, mas em nenhuma tiveram sucesso, provavelmente pelo horário avançado da ocorrência. Após um tempo, conseguiram o telefone da casa deles. O pai estava há pouco mais de 1100 km da delegacia, em outro estado, e acabaram acordando a mãe do rapaz por volta da 00h30min, o que a fez levantar assustada e com o coração aos pulos. Assim que foi informada do ocorrido, algo lhe veio à mente e a sensação de impotência e de dever não cumprido, tomou conta de seus pensamentos. Chamou a filha para que lhe acompanhasse na viagem que fariam, e pegaram a estrada ainda de madrugada. Amargurada, não conseguia esconder da adolescente as lágrimas que escorriam uma a uma pelo seu rosto. Após um percurso dolorido e penoso chegou ao local quando já passavam das 3 da manhã e viu o filho em uma condição lamentável.

_O que aconteceu, meu filho!

_Nada mãe. Eu só dei uma festinha no apartamento de despedida pra um pessoal, só que a coisa saiu do controle. Eu me afastei pra ficar com uma menina, e o povo começou a usar uns negócio lá, e agora tão querendo me fichar por um monte de coisas.

_Pode deixar que eu vou resolver isso, meu filho! Eles não podem fazer isso com você.

Procurando proteger sua cria, e tentando entender direito o que aconteceu, a mãe procurou o capitão e o delegado responsáveis pela ocorrência. Vendo inocência na ação do filho, e disposta a tirá-lo de lá, ela entrou na sala onde os dois estavam resolvendo detalhes do ocorrido.

_O que tá acontecendo aqui? Por que prenderam meu filho? Ele não é nenhum marginal, ladrão ou traficante pra ficar algemado em uma delegacia.

_Imagino que a senhora é a mãe do rapaz e proprietária do imóvel, certo?

_Isso mesmo. E não sou nenhuma dona de casa desinformada. Dou aula na universidade federal e sou responsável por diversas pesquisas. Então não adianta me enrolar.

_Minha senhora, primeiro que pra um filho exemplar, a ficha dele está bem longa. Segundo, a guarnição foi ao local única e exclusivamente pra atender uma denúncia de perturbação da ordem, pois já passavam das 22 horas e o nível de ruído estava muito acima do tolerado. O porteiro tentou contato com alguém lá e não conseguiu, então meus homens subiram para, apenas, conversar e solicitar que se comportassem, mas foram convidados a entrar por um dos participantes que achou que eles também eram convidados, e simplesmente foram vistas várias infrações, além de apreender muitas drogas. Era uma festa

com tudo liberado, e haviam menores dopados no imóvel. Entendo a senhora tentar defender seu filho, mas as provas são incontestáveis.

_Mas ele é estudante universitário. Vocês estão estragando a vida de um jovem bom.

_Sinceramente, espero que ele nem se forme, pois não precisamos de profissionais com esse perfil no mercado. E outra coisa: não somos nós que estamos estragando a vida dele. Isso ele já faz muito bem sozinho.

Diante de palavras tão duras, ela resolveu permanecer calada, pois sabia que havia certa verdade nas coisas que o policial acabara de dizer. O tempo na delegacia foi longo e cruel com aquela pobre mulher, pois eram muitas coisas para se definir, fiança para pagar, papeis para assinar e finalmente, perto das 10 da manhã, ele foi liberado e puderam ir embora. Passaram no imóvel que serviu de cenário para a festa e, logo ao entrar, a pobre mãe pode ver a situação depressível em que ficou o lugar. A cozinha estava extremamente bagunçada, com panelas, garrafas e tocos de cigarros entupindo a pia. Sem falar do fogão, que tinha mais variedade de substâncias que os laboratórios que supervisionava. A mesa da cozinha ainda possuía vestígios dos materiais ilegais usados durante o evento, e a geladeira carregava líquidos secos escorridos em sua porta e laterais. Avançando mais, estava a área de serviço e o quartinho de empregada, que se podia ver,

foi cenário de algumas transas, denunciadas pelas camisinhas usadas jogadas pelo chão. Voltando ao corredor, este estava fedendo um emaranhado de odores ilegíveis, sendo identificado apenas o de urina. A cada passo, a mulher ia se desanimando mais, pois não imaginava encontrar seu imóvel em estado tão deplorável. O ponto final daquela "excursão" foi a sala, porque as coisas estavam todas fora do lugar, e mesmo sendo móveis e utensílios baratos, pela utilidade do local para a família, chateava ver o estado em que os convidados da festa os deixaram. O plano dela de descansar antes de seguir viagem foi abortado, pois não conseguiria dormir com tamanha bagunça e mau cheiro. Resolveram então pegar a estrada novamente, mas antes ligou para a senhora que limpava o apartamento uma vez por semana, e pediu que ela fosse o mais urgente possível para que a sujeira não impregnasse, além de lhe oferecer o dobro pelo tamanho do trabalho que viria pela frente.

Já na estrada, a garota observava o sofrimento da mãe e não entendia o comportamento rebelde do irmão, que parecia fazer aquilo para chamar a atenção dos pais. Sentia-se impotente por não poder fazer nada. Por não ter idade suficiente para chamá-lo em um canto e poder falar tudo que pensava. Apesar da sua quietude, seus pensamentos gritavam e, inconformados, pediam a ela que fizesse algo. Por isso

resolveu quebrar o silêncio indiretamente imposto, tomando o devido cuidado para não chatear ainda mais a mãe.

_Posso lhe fazer uma pergunta?

_Claro, minha filha!

_Por que vocês deixam ele fazer isso?

_Do que você está falando?

_Estou falando de punição, mamãe! Estou falando de colocarem ele no seu devido lugar. De mostrar a ele que na vida pagamos proporcionalmente pelos atos que cometemos.

_Não quero falar sobre isso. Aliás, não quero lembrar que esse dia aconteceu.

_Com todo respeito mamãe, mas esse é o problema. Me calarei pela senhora, mas se levasse ao menos um dos atos irresponsáveis do André até o fim, talvez ele passasse a pensar 2 vezes antes de chateá-la de novo.

_Já disse que não quero falar sobre esse assunto.

Diante do pedido, ela se calou, mas o grito continuava a lhe incomodar. A expressão na face de sua progenitora era cortante, mas não podia fazer mais nada. Assim que chegaram em casa, os 3 foram se deitar, sem proferir uma palavra para o outro, e com o cansaço acumulado, só acordaram no outro dia.

Na segunda, bem cedo, saíram de casa sua mãe e sua irmã para as devidas instituições de ensino, deixando-o sozinho em casa. Ainda sobre o efeito dos acontecimentos recentes, ficaram caladas durante todo o tempo. Ele acordou por volta das 11 e foi assistir um pouco de televisão, enquanto a empregada lhe preparava algo para comer. Esta já estava com a família desde antes do nascimento do garoto. Mulher sofrida fora abandonada pela mãe logo após seu pai fugir para outro estado com uma vizinha. Criada pela tia se casou aos 14 anos, mas também foi abandonada pelo marido aos 18 anos com uma criança de colo e grávida do segundo filho, que faleceu três meses após seu nascimento. A mãe de André, na época finalizando seu curso de graduação, recebeu uma ligação de uma amiga, que era assistente social, informando de uma mulher em prantos, querendo arrumar uma família para seu pequeno filho. Como havia casado há poucos meses, e precisava de alguém de confiança, resolveu conhecer a tal mulher, e junto com o marido, lhe fizeram uma proposta: ela trabalharia para eles e em troca, além do salário, ajudariam na educação da criança. A coisa deu tão certo, que a mulher conseguiu ter uma vida mais confortável do que jamais imaginou que teria, e ainda viu seu único filho se formando em engenharia química e arrumando um bom emprego, e em contra partida, conseguiram mais do que uma funcionária, mas uma amiga, tanto que recusara inúmeras propostas do filho de largar o trabalho.

Início de semestre letivo é um misto de euforia e desânimo que tomam conta dos alunos da universidade. Euforia por reverem vários colegas e por voltarem às festas quase que diárias no campus, e desânimo por começar mais uma sabatina de provas, trabalhos e aulas. Longe de todo esse alvoroço, André se encontrava em uma avenida num subúrbio distante da cidade, onde alguns carros estavam estacionados com seus proprietários do lado de fora. O do rapaz, um modelo popular todo modificado, era um dos que mais se destacavam. Ganhou o carro na versão original do pai, mas foi modificando aos poucos até personalizá-lo como queria. Seu som, igualmente diferente e potente, embalava os frequentadores com músicas de bandas como Nirvana, The Doors e O Rappa. Havia o uso de drogas leves e bebidas, mas todos pareciam estar em harmonia, até que um dos seus conhecidos levou-lhe um recado.

_Fala, meu! Tem um camarada querendo bater um racha contigo, vai nessa?

_Não. Cê sabe que temos regras, e que não fazemos pegas sem prévia marcação.

_Eu sei, mas é que o cara tá insistindo. Ele disse que não é daqui e que vai se mandar amanhã de manhã, mas não quer ir antes de correr com o melhor.

_Chama ele aqui.